

A técnica do grupo focal na pesquisa com as elites escolares

Alice Xavier

Resumo: Este trabalho analisa as principais implicações no uso da técnica do grupo focal através do relato de uma experiência de pesquisa com alunos de escolas de prestígio no Rio de Janeiro. O artigo problematiza a aplicação de diferentes instrumentos de investigação, em particular dos métodos que são *importados* de outras áreas do saber para a pesquisa educacional, chamando atenção em particular, para as orientações teórico-metodológicas das investigações de *cunho qualitativo*. Da mesma forma como ocorre em outras técnicas de pesquisa, a utilização da técnica do grupo focal necessita de uma série de adaptações que mesmo relativizadas por diferentes contextos da experiência investigativa, requer *escolhas* de base científica.

Palavras-chave: pesquisa em educação; grupo focal e instrumentos qualitativos de investigação.

The focal group technique in the research with school elites

Alice Xavier

Abstract: This work analyzes the main implications in the use of the technique of focus group and relates an experience of research with pupils of elite's schools in Rio de Janeiro. The article discuss the application of different research's instruments, in particular of the methods that are *imported* of other areas in the educational research. In the same way as it occurs in others research techniques, the use of the focus group requires a series of adaptations and *choices* made in a scientific way.

Key-words: educational research; focus group and qualitative instruments.

A técnica do grupo focal na pesquisa com as elites escolares

Alice Xavier

A defesa e o uso de métodos qualitativos da pesquisa em educação parecem não ter acompanhado a evolução da investigação da escola e o uso de outras técnicas de pesquisa. O avanço¹ da discussão - pesquisa quantitativa *versus* pesquisa qualitativa - não tem produzido soluções para a suposta divergência, tampouco promovido o desenvolvimento de técnicas mais aprimoradas para a chamada investigação qualitativa. Pontos de vista semelhantes a este têm sido defendidos por autores que coordenam pesquisa em educação e acompanham a produção da área (Brandão, 2002 e 2000; Martins, 2004; Van Zanten, 2004, entre outros). O resultado disso é o afluxo de *modismos acadêmicos* (Brandão, 2002: 13), que com a adoção apressada de técnicas relativizam intensamente seus usos possíveis. As pesquisas são empreendidas, tendo no método apenas um suporte para *verificação* do que se quer encontrar.

A utilização de novas técnicas que trariam maior credibilidade para as aproximações qualitativas da pesquisa educacional pode passar a deslegitimá-las, descaracterizando seu uso para a compreensão de problemas educacionais que até poderiam ser identificados, mas não terem analisados seus aspectos implícitos pela abordagem quantitativa. Neste sentido, queremos discutir a utilização da técnica do grupo focal no âmbito da pesquisa sociológica em educação. A partir da nossa experiência na utilização da técnica com jovens alunos de escolas de elite, pudemos, ao discutir o percurso da preparação e concretização do grupo focal, problematizar seu uso e nossas escolhas de pesquisa.

¹ A palavra avanço, neste sentido, foi usada na acepção de volume, intensidade.

A proposta de utilizar a técnica originou-se da minha pesquisa de mestrado. O trabalho, agora em fase de consolidação, objetivou investigar as práticas de leitura de jovens estudantes em escolas de prestígio no Rio de Janeiro. O interesse desta investigação surgiu durante a análise de algumas questões do *survey* o Soced aplicado em 2004. Os itens do *survey* requisitaram aos alunos que indicassem seus títulos preferidos nos últimos dois anos, além de questioná-los a respeito de algumas de suas práticas de leitura e representações sobre este hábito².

A partir das questões do *survey* obtivemos um indicador denominado *engajamento em leitura* (XAVIER, 2008) que, apesar de nos ter oferecido um panorama dos gêneros literários mais lidos pelos estudantes, além de algumas percepções sobre a prática da leitura (diversidade e intensidade em diferentes suportes, por exemplo) não nos possibilitou traçar as características de um perfil de leitor para estes alunos. Restava-nos, assim, ouvir os estudantes a respeito de suas práticas de leitura. Mesmo cientes de que estávamos construindo dados em diferentes períodos (*survey* em 2004 e grupos focais em 2008), pretendíamos identificar e caracterizar aspectos que colaboravam na formação de alunos leitores, tendo em vista que em todas as escolas da nossa amostra, um número desprezível de estudantes apresentou baixo engajamento em leitura³.

Neste contexto, a utilização da técnica do grupo focal nos pareceu apropriada para dar prosseguimento à pesquisa, encaminhada neste momento para uma fase qualitativa. O uso do grupo focal, assim como outros instrumentos, como é o caso das entrevistas, presta-se a diferentes tarefas. Pode ser planejado com o objetivo de sondar informações a

² Parte destas análises pode ser consultada no artigo *Práticas de Leitura das Elites Escolares* (XAVIER, 2008) que se encontra disponível na página do Soced: www.soced.pro.br.

³ Estes valores referem-se aos percentuais dos níveis de engajamento em todas as escolas: alto (48,1%), médio (50,7%) e baixo (1,1%).

respeito de determinado fenômeno, sem discriminar qualquer fator previamente ou aprofundar aspectos já identificados, mas pouco ou mal caracterizados. Assim, de posse dos níveis de *engajamento em leitura* por escola, decidimos investigar as unidades que mais se destacaram: uma escola pública e uma escola confessional da nossa amostra⁴.

A escola pública (E.P) é uma instituição federal de ensino que atende alunos do ensino fundamental e médio. É uma escola bastante tradicional, precursora da criação do sistema público de ensino brasileiro. Os alunos e ex-alunos desta escola pública comumente demonstram orgulho de fazer parte desta história.

A escola confessional (E.C) também é uma instituição tradicional. É uma escola de orientação religiosa católica, que se dedica a educação de meninos. A ordem religiosa que dirige a escola possui entre suas características principais a disciplina e o trabalho. O perfil dos alunos acompanha as orientações dos fundadores da escola, que defendem uma formação clássica.

A adequação da técnica ao tipo de pesquisa

O grupo focal envolve uma série de etapas em sua preparação e análise de material que se, não cumpridas descaracterizam a técnica. Alguns dos principais problemas que envolvem a utilização do grupo focal podem ser encontrados no relato de algumas experiências, principalmente nas áreas de propaganda e marketing, que originaram o seu uso⁵. A possibilidade oferecida por esta técnica na captação de informações subjetivas e de percepções construídas coletivamente passaram a despertar o interesse de

⁴⁴ Neste trabalho discutiremos apenas a perspectiva metodológica na utilização da técnica do grupo focal. Posteriormente pretendemos sistematizar e publicar a análise de conteúdo dos grupos focais realizados que se encontra em fase de consolidação.

⁵ Segundo alguns autores, a técnica surgiu no contexto das pesquisas mercadológicas (Dias, 2000; Carlini-Cotrim, 1996, entre outros).

outras áreas, entre elas Saúde Pública, Ciências da Informação, Ciências Sociais e Educação⁶.

No grupo focal os indivíduos se encontram em interação, promovendo manifestações de contestação e concorrência que são efetuadas pelo grupo. As informações obtidas durante esta interação são bastante diferentes daquelas produzidas pelos *surveys* ou entrevistas individuais. Enquanto nos *surveys*, as respostas são baseadas em referências e limitadas por uma série de fatores que impedem o registro de dados subjetivos, nas entrevistas, assim como nos grupos focais é possível tomar conhecimento sobre uma série de aspectos implícitos e subjetivos que estruturam as ações dos indivíduos. Por envolver tal complexidade, tais instrumentos necessitam de domínio e maturidade do pesquisador, além de *empatia e engajamento mútuo* para a triangulação do material produzido (Brandão, 2000: 181). Não pretendendo, com isso, desaconselhar, a utilização destes instrumentos por jovens pesquisadores (nem poderia, pois me considero uma), mas atentar junto com outros autores para o seu contexto dentro da investigação educacional. Na nossa experiência, a técnica do grupo focal foi eleita por possibilitar a coleta de informações reveladoras das perspectivas dos jovens nas suas relações com a leitura, informações estas que poderiam permanecer desconhecidas, se somente investigadas por meio de questionários.

O tipo de informação obtida durante a análise qualitativa de grupos focais pode ser ilustrado por uma pesquisa realizada com adolescentes de origem hispânica nos Estados Unidos (Beck e Bargman *apud* Cotrim, 1996: 290). Os pesquisadores, ao analisarem as falas de adolescentes em quatro grupos

⁶ Para conhecimento da utilização da técnica do grupo focal em diferentes áreas, consultar os artigos de Dias, 2000; Carlini-Cotrim, 1996; Weller, 2006; Gatti, 2000; Costa, 2007, entre outros.

focais, identificaram situações de vida destes jovens que sugeriam diferentes estilos de consumo do álcool: *beber por diversão, beber por competição, beber para ficar bêbado e beber para o alívio.*

Com o uso da técnica, podemos tomar conhecimento de representações que poderiam permanecer desconhecidas. Na pesquisa com adolescentes e jovens, o grupo focal é uma ferramenta útil na investigação das relações sociais, na medida em que *capta* idéias e percepções que são constituintes das relações que estes jovens estabelecem com a escola e com a família, por exemplo. Uma experiência com estudantes atendidos por um programa nacional de escolarização pode ilustrar as possibilidades de reflexão e análise que a técnica proporciona para a pesquisa educacional:

Relatos colhidos em 20 grupos focais com alunos, em cinco capitais, dão uma medida da péssima qualidade da escola que esses jovens freqüentaram. Suas memórias e apreciações sobre a escola fundamental a que tiveram acesso são invariavelmente trágicas. (...) Os constrangimentos provenientes das condições de vida não são irrelevantes, mas destaca-se a má experiência escolar como fator principal associado ao abandono precoce da escola, antes da conclusão do ensino fundamental. (Costa, 2007: 5)

A proposição do grupo focal deve ser coadunada ao objetivo da pesquisa, assim, além de dever estar articulada as questões que orientam o estudo, deve-se questionar se a técnica é capaz de responder o formato das questões lançadas. Nesta perspectiva, nossa investigação pretendeu obter informações a respeito das modalidades de leitura dos alunos das escolas de elites, os tipos de texto que lêem, as maneiras como lêem, as fontes de estímulo para a leitura, a posse e características de acervos pessoais, o papel da família na construção e manutenção do hábito de leitura, entre outros aspectos.

A formulação e organização de todos estes aspectos fazem parte de uma etapa preparatória, devendo compor o que denominamos de roteiro do grupo focal. Na produção deste roteiro, as questões não devem possuir um formato diretivo, ou seja, os itens ou perguntas devem ser feitos de forma indireta, estimulando o raciocínio e o debate entre os participantes. Desta maneira deve-se viabilizar uma primeira reflexão a partir de um ponto de vista não pessoal⁷. Em outras palavras, se visa obter inicialmente a opinião dos participantes sobre um fenômeno qualquer dentro da temática proposta. Cada item pode possuir subitens, as *probes*, que visam inspirar ao máximo e em diferentes abordagens uma mesma questão da investigação.

A logística do grupo focal

Além da adequação ao objeto de pesquisa, outros fatores de ordem prática são fundamentais para a realização do grupo focal. Trata-se de uma etapa logística, que envolve a escolha do local, a coleta do material em áudio, a escolha da data e do horário da atividade, etc.

A atividade de pesquisa no ambiente escolar envolve uma série de imprevistos. Sabe-se que a rotina escolar é bastante complexa e que a presença de pesquisadores é um fator que altera esta rotina⁸. A realização dos grupos focais na escola não é uma tarefa simples. Desta maneira, a fase de preparação deve procurar prever, ao máximo, os imprevistos que podem envolver a atividade.

⁷ Na descrição de Carlini-Cotrim (1996: 289), *estes tópicos não devem ser expressos ao grupo em forma de perguntas, mas na forma de “dicas”, de pequenos estímulos para introduzir o assunto: tipicamente trata-se de uma solicitação para comentar algo ou descrever alguma experiência.*

⁸ Carvalho (2003) chama atenção para a importância de se considerar os efeitos da presença do pesquisador no cotidiano escolar. Tal fato, comumente desprezado durante a fase de análise, deve estar contemplado, tamanho são os efeitos da relação pesquisador e pesquisado na produção do material empírico.

As tarefas iniciais envolvem: explicação da proposta a comunidade escolar, convite aos alunos, autorizações de participação e para uso do material produzido, além do sorteio dos alunos participantes. Nossa experiência na preparação dos grupos foi diferente em cada uma das escolas. As dificuldades e os pontos positivos na preparação das atividades variaram. Enquanto na E.P tivemos acesso às listagens dos alunos, o que nos possibilitou maior liberdade na construção da amostra, além de uma circulação mais livre pela escola (contatamos os professores e visitamos as classes sem supervisão presente), na E.C todo o processo de divulgação da proposta e convite aos alunos foi acompanhado intensamente. Nesta escola, não tivemos acesso às listagens dos alunos (sob a defesa de se manter em sigilo as identidades dos mesmos), assim, não realizamos os sorteios, para o qual obtivemos auxílio da coordenação das turmas de oitavo e nono ano. No entanto, na mesma escola também tivemos acesso às turmas e explicamos a proposta aos alunos.

Na E.C, além do maior acompanhamento, foi recomendado que o primeiro contato com os alunos fosse feito por mim, tendo em vista que eu moderaria o grupo. A coordenadora, neste momento, falou sobre a importância deste contato ser feito pela pessoa que realizasse a atividade. Esses e outros comentários demonstraram uma postura da escola na relação com a pesquisa e seus efeitos no ambiente: circulação de outras pessoas, sugestão de novas atividades, a reação de alunos e professores, entre outros fatores que alteram a rotina da escola. Outra sugestão da coordenação foi que os alunos de tempo integral participassem, assim, a atividade poderia ser feita no período da tarde, horário em que estes alunos exercem atividades de reforço escolar.

Por fim, um fator comum às duas escolas refere-se a algumas condições impostas para a concretização da atividade: a realização dentro do próprio espaço escolar e fora do horário das aulas, bem como a obtenção da autorização dos pais.

Vieses e o rigor na adaptabilidade

Os vieses são previstos em diferentes modalidades de pesquisa e na aplicação de diferentes instrumentos. Na técnica do grupo focal, a construção da amostra poderá interferir de forma decisiva na análise do material produzido. Assim, irá exercer influência todo o processo que antecipa a atividade: a forma de seleção, o local escolhido e a relação entre os participantes.

Nas duas escolas foi convidado um número de alunos que pudesse nos oferecer um excedente no caso de faltas. Alguns autores apontam não ser rara, na realização de grupos focais, a ausência de parte dos convidados (Dias, 200; Carlini-Cotrim, 1996, entre outros). Na E.P, no dia marcado para a atividade, cerca de metade dos alunos convidados compareceu, enquanto na E.C, o número de alunos disponibilizado para a atividade compareceu de forma integral.

Os motivos para as ausências na E.P e para a presença de todos os alunos na E.C parecem ter sido influenciados pelos papéis exercidos pelas escolas na mediação com a pesquisa. Na E.P, acreditamos que um dos motivos da ausência deve-se ao fato de todos os participantes serem alunos do turno da tarde, levando à necessidade de se deslocar mais cedo para a escola e de almoçar fora. Na E.C houve apoio institucional para a atividade, os alunos já estavam na escola e chegaram no horário marcado. Seis alunos eram do período integral, por isso almoçam na escola, os outros tiveram aula no

período da manhã e tiveram suas refeições pagas para a permanência no período da tarde.

A composição da amostra de participantes para o grupo focal deve procurar manter uma variedade interna, de forma a contemplar diferentes indivíduos do ambiente pesquisado. O objetivo principal é unir em uma mesma discussão uma variedade razoável de opiniões sobre o assunto a ser tratado. Na prática, requer que os alunos não se conheçam ou não sejam todos oriundos da mesma turma. Caso contrário poderão se formar pares internos de apoio ou desamparo no que se refere às opiniões expressas. Em nossa experiência tal fenômeno pode ser verificado, identificado, sobretudo, a partir das anotações de apoio efetuadas pelo relator. O papel desempenhado pelo relator é importante, pois registra informações fundamentais e que podem escapar ao ponto de vista do pesquisador, também moderador do grupo, no caso. Assim, foi possível identificar alguns acontecimentos que devem ser levados em conta na análise de conteúdo do material transcrito.

Na E.P duas meninas eram da mesma turma, entre os meninos dois também eram da mesma classe. Apenas um aluno encontrava-se *sem par*, o que parece ter acentuado uma já aparente timidez do mesmo. Foram estabelecidos *pares de interação*, que funcionaram como pontos de apoio entre os participantes, ora para o debate, ora para a concórdia. No entanto, os alunos não se conheciam para além de suas turmas, o que conferiu certo equilíbrio nas forças exercidas entre pares.

Muitas são as recomendações que visam controlar a interação dentro do grupo focal. Estas orientações, no entanto, não devem se impor sob outros aspectos tão ou mais importantes, ou seja, aqueles que emergem do campo e que não podem ser contornados, senão sob o risco de não se concretizarem.

Assim, optou-se por *unir* os gêneros masculino e feminino nos nossos grupos focais. A atenção ao gênero na composição do grupo focal objetiva minimizar uma tendência, recorrente e já observada em outras experiências, dos homens posicionarem uma fala mais autoritária na presença de mulheres (Gatti, 2005). Em nosso caso, apostamos que meninos e meninas, já acostumados à discussão inter-gêneros na sala de aula não teriam dificuldades a ponto de prejudicar a interação. A aposta ganhou credibilidade ao obter uma resposta positiva tanto nas duas escolas.

Na E.C, por ser uma instituição que recebe somente meninos, a interferência do gênero na realização do grupo focal era de outra origem. No caso, as pessoas para participar da atividade (no caso, todas mulheres), e principalmente o moderador poderiam vir a causar uma reação diferente nos meninos em comparação a um grupo de meninos moderado por um homem. Tal preocupação é pertinente, pois diante de mulheres os meninos poderiam adotar ou uma reação de recusa ou uma postura para a aprovação e agrado. Novamente, ao relativizar este aspecto e considerando que estes meninos se encontram frequentemente expostos à presença feminina no cotidiano escolar, verificamos que a aplicação do instrumento ocorreu de forma satisfatória. Durante a atividade, as reações e posturas variaram *naturalmente*, sobretudo, com os alunos demonstrando vontade em expressar suas opiniões e idéias sobre as preferências literárias e hábitos de leitura.

Outro aspecto importante refere-se à quantidade necessária de grupos focais para oferecer validade em uma investigação. De certo, tão maior o número de grupos focais, maior a chance de encontrar reincidências ou mapear as relações. No exemplo oferecido anteriormente (Costa, 2007), vinte grupos focais foram sugeridos para analisar a implementação de um

programa nacional nas principais capitais brasileiras. No nosso caso, dois grupos focais foram propostos para aprofundar o estudo em duas escolas que se destacaram em nossa análise. O número irá variar. O importante é, ao adequar a técnica ao objeto e objetivo da pesquisa, simultaneamente dimensionar a quantidade necessária. Realizar um estudo exploratório, aprofundar o estudo de determinado aspecto ou mapear características são algumas das tarefas que irão orientar o número de grupos a realizar.

É importante ressaltar, sobretudo, que todos os aspectos descritos anteriormente influenciaram a preparação da atividade. No entanto, as concessões que fizemos durante este processo objetivaram, em primeiro lugar, respeitar a rotina escolar. As modificações durante a preparação da atividade não alteraram o resultado esperado, o que por sua vez, não dispensa devida consideração durante a análise do conteúdo. Isso porque foram cumpridas as etapas previstas nas orientações metodológicas deste instrumento, contemplando a aleatoriedade da amostra, a participação não compulsória dos alunos, entre outros aspectos.

Análise do Grupo Focal

A aplicação deste instrumento requer um trabalho em equipe, seja com o pessoal envolvido na concretização da atividade, seja em sua análise. Diferentemente de outras aproximações qualitativas, como a entrevista (que muitas vezes, pode se configurar em um trabalho solitário), o grupo focal exige a colaboração de outros pesquisadores. Para tanto, são necessários um moderador, um relator e um observador⁹. Nossa experiência de trabalho coletivo de pesquisa pode ilustrar a otimização desta etapa. Para a realização de nossos grupos focais contamos com a participação de cinco pesquisadores.

⁹ Em alguns casos, opta-se somente pela participação de um moderador e um relator.

Podemos ilustrar algumas destas vantagens, em especial, os debates ocorridos durante nossos encontros que acabaram por originar adaptações para o grupo focal. Minha vontade o tempo todo foi a de exercer o papel de mediadora nos grupos. No entanto, cogitamos por diversas vezes, a possibilidade de outros colegas efetuarem este trabalho, devido a experiências pregressas. Outra orientação importante que surgiu durante nossas discussões referia-se ao pesquisador (no caso o autor da dissertação ou tese) alternar sua função durante os grupos focais, na tentativa de experimentar as diferentes perspectivas do instrumento, enriquecendo a análise.

Moderar, relatar e observar exige preparação. Contar com pesquisadores nesta etapa foi crucial para o registro dos encontros, que orientaram de forma decisiva a análise do material. Na atividade de moderação é necessária uma grande capacidade de adaptação a fim de oportunizar as melhores perguntas de acordo com a situação. Como o moderador precisa estar atento a interação entre os componentes, estimulando a participação, o mesmo não consegue registrar as diferentes características de comportamento que podem alterar a análise do material produzido. O relator, por sua vez, deve ser capaz de sintetizar as principais informações que vem à tona durante as falas. Ao compartilhar o relato, os alunos se vêem diante da tarefa de repensar sobre tudo o que foi dito, reafirmando percepções ou modificando comentários. Este movimento gera enriquecimento do material, na medida em que proporciona maior captação de detalhes.

A transcrição do material é outra tarefa que deve ser dimensionada. Esta é uma etapa que pode ser comumente ignorada, no entanto, reafirmamos que a mesma precisa de planejamento. Isso porque o tempo para a transcrição do

material não é pequeno. A tarefa na experiência dos grupos focais sugere a utilização de mais tempo em comparação com a transcrição de entrevistas. O material em áudio não irá apenas contemplar a fala do entrevistador e de um entrevistado, mas de um grupo em interação, com falas frequentemente interrompidas e/ou sobrepostas. Além destes fenômenos comuns a uma discussão em grupo, os ruídos peculiares do ambiente escolar podem prejudicar a produção de um material audível.

Análise de conteúdo e a construção das categorias

O tratamento adequado do material do grupo focal é a análise de conteúdo. Para tanto, a leitura exaustiva do material de forma concomitante à leitura dos relatos de observação é essencial. Como em outras modalidades de análise de conteúdo, as falas recorrentes e as semelhanças encontradas nestas falas devem ser destacadas. No entanto, grande atenção também deve ser dirigida às falas intercaladas na interação entre o grupo. Da mesma forma, as falas construídas nos contextos de hesitação ou veemência devem ser consideradas de forma diferenciada. Tais fenômenos, que demonstram que os participantes estão em um momento de construção e reconstrução de suas idéias e percepções, refletem um dos *ganhos* interessantes no uso da técnica.

As características diferenciadas da análise dos instrumentos qualitativos irão reivindicar, por sua vez, atenção especial à construção das categorias. Brandão (2000: 180) relembra dois momentos distintos, e que não devem ser isolados, na construção das categorias: a revisão teórica e a análise da empiria. Segundo a autora, no momento da emergência das categorias a partir do material empírico, é importante realizar um *retorno* à teoria, além

do cuidado na proposição de categorias já construídas por outros estudos da área.

A contar pela quantidade de reincidências, que somente adquirem dimensões maiores na aplicação de vários grupos focais, deve-se ter cuidado na proposição de categorias explicativas durante a análise. Alguns *softwares* podem auxiliar neste trabalho, no entanto, a codificação manual das falas oferece tanto rigor quanto. É importante que, ao agrupar falas semelhantes, não se omita o contexto da produção destas falas.

O grupo focal na pesquisa qualitativa com os alunos

Todas as questões levantadas a partir das orientações teórico-metodológicas, como a logística do grupo focal, os fatores que interferem na análise de conteúdo e os vieses e estratégias de adaptabilidade, representam nossa tentativa de trazer para a discussão metodológica, *o que vale e o que não vale* na pesquisa em educação. No processo de implementação de determinada técnica o funcionamento precário pode *enviesar* e impedir a análise.

Procuramos dar continuidade¹⁰ à discussão, necessária ainda no nosso ponto de vista, sobre a imposição e o uso precoce de orientações práticas de pesquisa que possuem pouca ou nenhuma tradição na área educacional. Tendo em vista essas recomendações e a identificação concreta que justifica essas advertências nos trabalhos de pesquisa, em particular a denominada de *cunho qualitativo*, nos dispusemos a refletir, preocupando-nos em caracterizar os limites e possibilidades no uso da técnica do grupo focal. Cabe reiterar que, tampouco, a técnica deve funcionar como nova orientação

¹⁰ A partir de alguns trabalhos de Brandão (1992; 2002 e 2000).

metodológica na divisão *quantitativo - qualitativo*, que tanto prejudica o desenvolvimento da pesquisa em educação.

A utilização produtiva da técnica do grupo focal em algumas experiências de pesquisa com estudantes e jovens pode ser ilustrada por alguns estudos trazidos neste trabalho, suas análises geram reflexões que podem colaborar para o aprimoramento do que temos chamado de dimensão ou aproximação qualitativa em pesquisa.

A adoção da técnica de grupo focal ocorreu em um momento particular da nossa pesquisa. O momento no trabalho nos impulsionava a experimentar estratégias de aproximação na pesquisa qualitativa com os alunos. A adoção da técnica em outros contextos, como na pesquisa com professores, coordenadoras ou pais, certamente envolveria aspectos que se diferenciariam em muito dos caracterizados aqui.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Z. A teoria como hipótese. *Teoria & Educação*, 5. Porto Alegre: Pannonica, 1992. In: **Família & Escola. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

BRANDÃO, Z. **Pesquisa em Educação. Conversas com pós-graduandos**. Rio de Janeiro: Edições Loyola/Editora PUC - Rio, 2002.

BRANDÃO, Z. Entre questionários e entrevistas. **Família & Escola. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

CARLINI-COTRIM, B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias: discutindo o potencial do uso do grupo focal no Brasil. (p. 285 - 93). **Revista Saúde Pública**, n. 30, vol. 3:

Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, SP, 1996. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2005000200006&lng=pt&nrm=

CARVALHO, M. P. de. Um lugar para o pesquisador na vida cotidiana da escola, p. 207 - 222. *In: ZAGO, N. et. al.(orgs.). Itinerários de Pesquisa. Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação.* DP&A Editora: Rio de Janeiro, 2003.

COSTA, M. Projovem - Notas sobre uma política educacional sobre jovens de baixa escolaridade. *Revista Contemporânea de Educação/UFRJ*, n. 3. Disponível em: <<http://www.educacao.frj.br/revista/indice/numero3/artigos/projovem.pdf>>, acessado em 22 de novembro de 2008.

DIAS, C. A. Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Informação e Sociedade: Estudos*, v. 10, n.2, p. 1 - 11, 2000. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/pdf/IS1020006.pdf>>, acessado em: 11 de novembro de 2008.

GATTI, B. A. *Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.* Brasília: Liber Livro, 2005.

MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia Qualitativa de Pesquisa. *Educação e Pesquisa* [on line], São Paulo, v. 30, n. 2, agosto de 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15179702200400200007&lng=pt&nrm=iso>, acessado em 24 de novembro de 2008.

VAN ZANTEN, A. Comprender e hacerce comprender: como reforzar La legitimidad interna y externa de los estúdios cualitativos. *Educação e Pesquisa* [on line], São Paulo, v. 30, n. 02, p. 301 - 313, maio/ago, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci+arttext&pid=>

S151797022004000200008&lng=pt&nrm=iso>, acessado em 24 de novembro de 2008.

XAVIER, A. Práticas de leitura das elites escolares. **Boletim SOCED**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 1-17, 2008. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG0500.EXE/11969.PDF?NrOcoSi=38923&CdLinPrg=pt>>, acessado em: 24 de novembro de 2008.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa** [on line], São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf>>, acessado em 11 de novembro de 2008.